

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE DOIS LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Raimunda Nonata dos Santos Ferreira (1); Maria Ednalva Lima e Silva (2); Natali Nartene Melo (3); Alzineide Costa Guimarães (4); Luís Henrique Serra (5)

(1) Universidade Federal do Maranhão – Campus VII, raymunda.ferreiraa@gmail.com

(2) Universidade Federal do Maranhão – Campus VII, ednalvalima100@outlook.com

(3) Universidade Federal do Maranhão – Campus VII, alzineidecosta1@outlook.com

(4) Universidade Federal do Maranhão – Campus VII, orientador, luis.ufma@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise feita em dois livros Didáticos utilizados na Educação Básica de todo o País, no ensino de língua portuguesa. A análise teve como objetivo observar como esses livros contribuem com a aprendizagem dos alunos e com o trabalho do professor de língua materna. A análise avalia as atividades dos livros para perceber que concepção de ensino de língua esse material fomenta; parte-se da hipótese de que o livro didático deve ser coerente e reflexivo caso seu objetivo seja a aprendizagem dos alunos a partir de uma perspectiva do uso cotidiano dos falantes e da análise científica da língua, em lugar do conhecimento puramente gramatical. Os livros analisados são: *Ápis: Língua Portuguesa* (2016-2018) e *Porta Aberta: Língua Portuguesa* (2013-2015), ambos para o 4º ano do ensino Fundamental, aprovados pelo PNLD – Programa Nacional do Livro Didático. Selecionou-se o capítulo sobre o substantivo, buscando observar como esse tema é trabalhando nas turmas de 4º ano que utilizam esse material. Tem-se como referência teórica as leituras de autores que têm refletido sobre a temática, como Antunes (2003), Bagno (2013), Faraco (2008) e Possenti (2006), o que auxiliou com parâmetros e reflexões sobre como deve ser feito o ensino de língua portuguesa que vise o desenvolvimento comunicativo de alunos do ensino fundamental. De modo amplo, ambos os livros didáticos distribuídos nas escolas públicas devem servir de apoio ao professor e para aluno, umas das críticas frequentes dos professores é que em nada os livros ajudam quando tratar do uso cotidianos da língua, por terem uma linguagem completamente distante da realidade do aluno e da escola. Nos livros analisados, observou-se atividades que estão alinhadas com a perspectivas teóricas da interação cotidiano dividindo espaço com atividades com forte teor tradicional, observando um misto de concepções quando se trata das atividades propostas pelo livro.

Palavras-Chaves: Livro Didático, Ensino de Língua Português, Atividades Didáticas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um cotejo de análise entre dois Livros Didáticos utilizado na cidade de Codó, cidade localizada ao leste do Estado do Maranhão que vem apresentando muitos problemas com o ensino de língua portuguesa. Buscando investigar as diferentes faces do ensino de português, o estudo busca identificar, por meio de uma investigação e análise dos recursos didáticos, formas com as quais um livro pode auxiliar o professor em sala de aula e o aluno no desenvolvimento de habilidades comunicativas. Os livros analisados neste trabalho foram os seguintes: *Ápis: Língua Portuguesa* (2016-2018) e *Porta Aberta: Língua Portuguesa* (2013-2015), ambos para o 4º ano do ensino Fundamental, aprovados pelo PNLD

– Programa Nacional do Livro Didático e amplamente distribuídos no município. Pretendemos, a partir da análise do conteúdo do livro, analisar como cada livro trata do estudo do substantivo. A análise buscou observar os recursos pedagógicos utilizados para problematizar o ensino do substantivo no 4º ano do ensino fundamental. Um outro ponto que se pretende tocar ao longo deste estudo é o ensino da língua portuguesa em Codó, tendo em vista a importância desse ensino para o desenvolvimento de diversas capacidades comunicativas importantes para a vida social e pessoal dos alunos codoense.

Partimos da hipótese de que um bom livro didático de português deve ser um livro coerente e reflexivo em seus assuntos, cumprindo o objetivo de auxiliar o professor em sala de aula, assim também como ajudar o aluno no entendimento e compreensão de determinados conteúdos relacionados com a comunicação no cotidiano. É necessário que o livro busque a reflexão e o entendimento de várias questões tocantes à linguagem. Nesse sentido, a análise que se faz neste trabalho foi feita, primeiramente, por meio de consulta aos livros selecionados, e de autores que têm discutido a importância do livro didático para o desenvolvimento das atividades escolares. Desse modo, a análise é fundamentada em autores pesquisadores da área, como Antunes (2003), Bagno (2013), Faraco (2008) e Possenti (2006). O cotejo mostra que um dos livros está mais atrelado às discussões atuais sobre o ensino de língua portuguesa do que o outro.

ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: ALGUMAS DISCUSSÕES

Muitas são as problemáticas envolvidas no ensino de língua materna, em nossas escolas país a fora. Um dos principais aspectos é formação dos professores de português. Segundo Bagno (2013), os cursos de letras são os principais responsáveis pela formação de professores no ensino de língua materna no Brasil e esses cursos têm apresentado uma situação que é catastrófica, principalmente, no que tange à prática e à forma de passar os conhecimentos adquiridos no curso. Em muitos dos cursos Letras do País, a formação é feita em cima de literaturas clássicas e leitura de textos canônicos, da pura análise de sintaxe e da morfologia, além de em estudos aprofundados de análise do discurso, formando, em alguns deles, verdadeiros cientistas ou gramáticos da língua portuguesa, indivíduos que pouco se interessam pelo aspecto didático do ensino de língua materna.

No entanto, a verdade é que os cursos de Letras deveriam trabalhar para a formação de professores para as escolas, que requer um conhecimento técnico sim, mas, exige também, conhecimentos e caminhos para transformar esse conhecimento conteúdo escolar, adaptáveis ao ambiente de sala de aula. Bagno comenta, nesse sentido, que, “os mestres e doutores que

professam nas Letras se comportam como se tivessem ali para formar grandes escritores e críticos literário, ou filosóficos e gramáticos tradicionalista” (BAGNO, 2013, p 26-27). Possenti, por outro lado, comenta também que “Se o conhecimento de técnico de um campo é fundamental na maior parte das especializações, talvez o mesmo não valha para o professor de língua materna” (POSSENTI, 2006, p. 32). Nesse sentido, o licenciado na área de língua portuguesa deve ter conhecimento da língua além da estrutura organizacional (gramática) da fala, mas deve saber transpor esse conhecimento, fazê-lo palatável e fácil aos seus alunos, o que, conforme Bagno aponta, falta nos cursos de Letras do País.

Nesse sentido, a reflexão sobre o ensino passa também pelos objetivos das aulas de português, que tem sido o ensino de gramática, deixando de fora aspectos comunicacionais, que serão mais úteis aos alunos na sua vida do que conhecimento de gramática. Dessa forma que Possenti explica que não é a gramática que cita como o falante deve falar, mas o falante que deveria ditar as regras para a gramática, pois a fala é anterior a gramática, a mesma se faz de nossas construções, tendo em vista que o papel da gramática é a descrição de uma língua e não ditar regras sobre ela (cf. vasta literatura sobre essa temática em POSSENTI, 2006; BAGNO, 2013; ANTUNES, 2003).

Segundo Antunes (2003, p.19) “o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas”, ou seja, o estudo de palavras descontextualizada, fora de qualquer ambiente comunicacional ou atividades que só tem lógica na sala de aula acabam dando ao ensino de língua portuguesa uma artificialidade que a língua não tem. A língua é viva e se estrutura dentro de enunciados e do contexto comunicativo real. Antunes (2003) acrescenta, nesse sentido, que,

Em relação aos PCN, não se pode deixar de reconhecer que as concepções teóricas subjacentes ao documento já privilegiam a interacional e discursiva da língua e definem o domínio dessa língua como uma das condições para a plena participação do indivíduo em seu meio social (cf. p. 19) além disso, estabelecem que os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o *uso* da língua oral e escrita e o da *reflexão* acerca desses usos. Nenhuma atenção é concedida aos conteúdos gramaticais (...) (ANTUNES, 2003, p. 21-22, grifos originais).

Os professores utilizam a gramática dentro de sala de aula quando deveriam se voltar para o uso da língua no convívio social, ou seja, “aprimorar o desempenho comunicativo dos alunos”, - como apregoam os Programas Curriculares Nacionais (PCNs), – lembrando sempre que o conhecimento real da língua, não o conhecimento da gramática, é um elo integrador de todas as outras disciplinas do currículo escolar e o principal instrumento para uma

participação mais efetiva, consciente e crítica do alunado na sociedade (PAULIUKONIS, 2013).

No entanto, essa ainda é uma perspectiva, em muitas realidades, um pouco distante e nova, pois, em nossas escolas, o que encontramos são professores que ensinam um português que parece ser uma segunda língua, completamente diferente da língua que falamos e nos comunicamos no cotidiano. Nossos professores de português têm se atido à um conhecimento linguístico descontextualizado, mesmo a sociedade moderna encontrando-se em um mundo rico em possibilidades comunicativas. Nesse sentido, olhando para um dos lados do problema do ensino de língua – o do livro didático – procuramos, através deste trabalho, refletir sobre as possíveis dificuldades que os professores de português podem encontrar nos livros didáticos utilizados para o ensino de língua materna, sobretudo na perspectiva mais reflexiva do ensino de língua. A pesquisa buscou perceber o que os livros didáticos têm a oferecer aos professores para o ensino de língua voltado para a comunicação cotidiana.

ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE OS LIVROS ANALISADOS

O livro didático de língua portuguesa *Ápis*, é um dos livros analisado pelo PNL D, tem como autoras Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin e Vera Lúcia de Carvalho Marchezi, todas possuem Licenciatura em Letras, as duas primeiras pela USP (Universidade de São Paulo) e a terceira pela Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Araraquara, SP), possuem também pós-graduação e mestrado nessas instituições¹. O título original do livro é *Ápis: Língua Portuguesa* (doravante LD1) e é voltado para o ensino de língua materna, fundamental de 4º ano. O livro é editado pela editora Ática. Encontramos, no final do livro, referências a trabalhos que têm uma perspectiva reflexiva do ensino de língua portuguesa, como os trabalhos de Ângela Kleiman, e também referência sete documentos disponibilizados pelo MEC, como os PCN's, PDE e Orientações para o Trabalho com Crianças de Seis Anos no Fundamental, nível do ensino ao qual o livro didático está voltado. Faz referência também a outros trabalhos de gramática, citando autores como Evanildo Bechara, Francisco da Silva Borba, Luís F. Lindley Cintra; Celso Cunha. De certo modo, entendemos que o referencial teórico que baseia a produção do livro está alinhado com os pressupostos teóricos sobre as discussões sobre o ensino de língua materna.

As seções dos capítulos do LD1 estão organizadas da seguinte forma: Gênero; Interpretação do texto; Práticas de oralidade; outras atividades/interdisciplinaridade; Língua: usos e reflexão; Produção de texto; Ampliação de leitura; Ortografia; Hora da diversão; e

¹ Informações contida no Livro Didático *Ápis: Língua Portuguesa*.

Autoavaliação. As seções do livro são trabalhadas em unidades, ou seja, todas unidades têm as mesmas seções, cada seção tem um objetivo a ser cumprido. Tomemos como análise o capítulo que pretende ensinar a classe dos substantivos².

O *Porta Aberta: Língua Portuguesa* (doravante LD2) foi publicado pela editora FTD, das autoras Isabella Pessoa de Melo Carpaneda e Angiolina Domanico Bragança, ambas com Licenciatura em Pedagogia e com especialização, a primeira com Administração e Supervisão escolar e Orientação Educacional, já a segunda somente em Administração Escolar. São atuantes como Assessoras Pedagógicas de educação infantil e ensino fundamental em Brasília- DF³. As referências do final do livro encontradas são, apenas as referências contidas nos textos apresentados nas unidades. No entanto, isso não quer dizer que o livro não tenha seguido as recomendações dos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa, que não tenha usado autores em suas fundamentações, só não foi possível detectar ao longo do livro. O LD2 é organizado em unidades, com seções da seguinte forma: Preparação para a leitura; Texto; outro texto; Estudo da língua; com que letra; produção; Projeto; e Só para lembrar. O LD2 não segue uma regularidade, apresentando capítulos com diferentes formatos. Em algumas unidades desse livro, pode haver seções com um número menor e/ou maior de atividades. Não há também regularidade quanto ao título das seções podendo haver títulos diferentes. Nesse livro, o substantivo⁴ é trabalhado em duas unidades, na 4ª e 5ª, é uma atividade pequena, com duas páginas na 4ª unidade e com três páginas na 5ª unidade.

PONTUANDO E DISCUTINDO ATIVIDADES DOS LIVROS DIDÁTICOS

A apresentação da unidade não segue a ordem dos livros e nem pretendemos fazer uma descrição pormenorizada da unidade. Passaremos a pontuar algumas atividades que sintetizam ou dão uma ideia geral sobre ambos livros.

O estudo do substantivo, no LD1, inicia-se por meio de *advinhas*, com as quais as autoras fazem uma ponte com uma canção (*criança, crionça*, de Augusto de Campos e de Cid Campos) no início da unidade. A intenção dessa atividade é fazer com que as crianças entendam que tudo precisa de um nome, e que a classe dos substantivos é quem cumpre a função de dar nome às coisas. A estratégia das autoras nos pareceu adequada porque ela

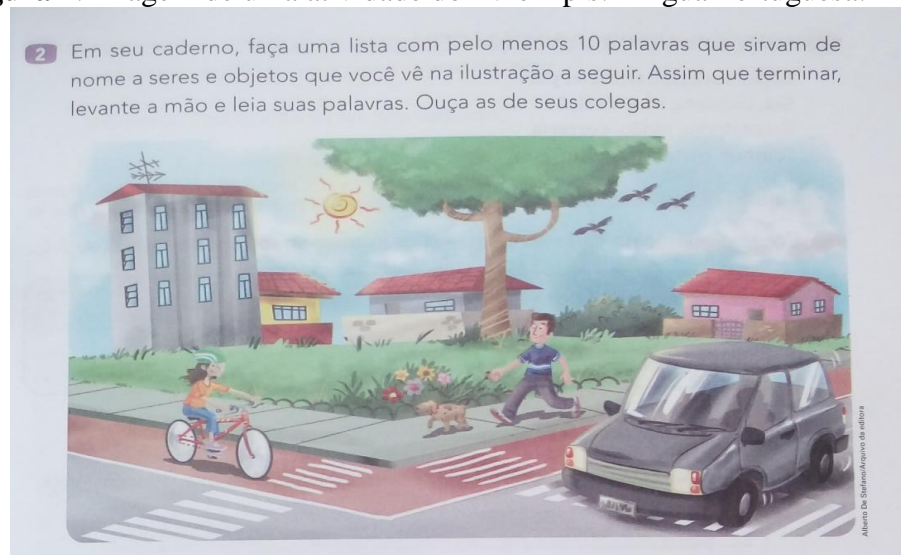
² Palavra que dá nome a pessoas, animais, plantas, objetos, lugares, fenômenos da natureza, sentimentos, entre outras coisas – informação do livro didático *Ápis: língua Portuguesa*, p. 37.

³ Informações contida no livro didático *Porta aberta: Língua Portuguesa*.

⁴ São palavras que sevem para nomear pessoas, objetos, lugares plantas, alimentos, sentimentos e etc. – informação do livro didático *Porta Aberta*, p. 80/94.

trabalha não exatamente com o conceito gramatical do substantivo, mas sim, com uma das principais funcionalidades do substantivo. A seção já aponta para a ideia de usar a função em vez do conceito, como se vê logo no título, *tudo tem nome: substantivo*. Mesmo com essa perspectiva, pensamos ser necessário que o professor aponte e explore com vários outros exemplos as características funcionais e morfológicas dos substantivos ou dos nomes em geral. Uma das atividades do livro busca um pouco as configurações do substantivo, mesmo que de forma indireta: na segunda questão da primeira atividade, é pedido ao aluno para que ele escreva os nomes (pelo menos dez), dos seres e objetos da cena reforçando a ideia inicial. Note-se a relação que a atividade tem com o texto da unidade e com as imagens vistas pelo aluno na figura 1.

Figura 1. Imagem de uma atividade do livro *Ápis: Língua Portuguesa*.



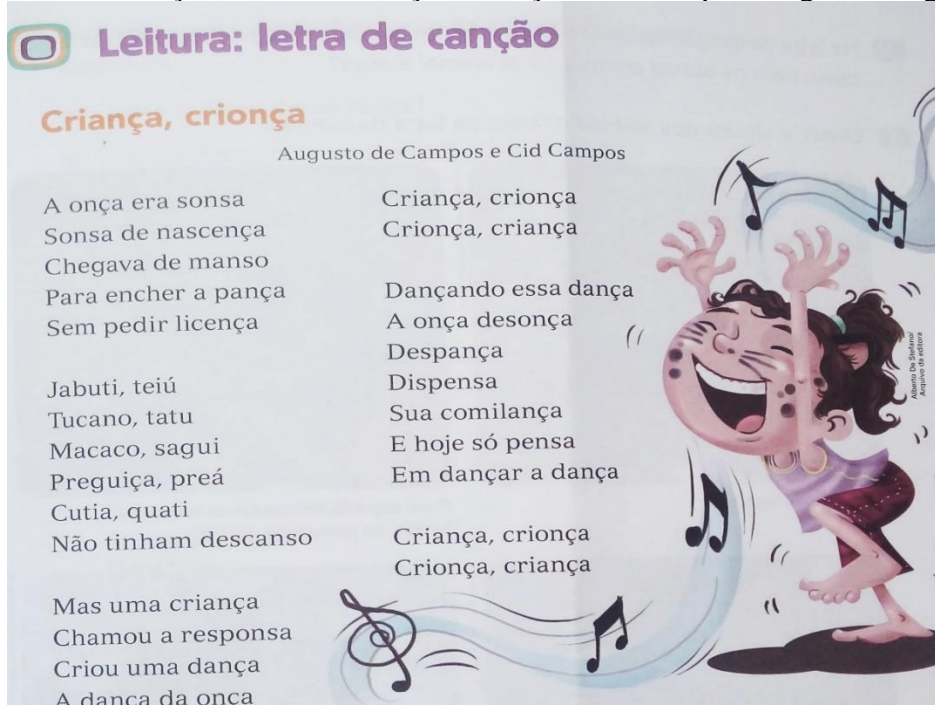
Fonte: (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2017, p. 11)

Como vemos na imagem acima, é uma cena cheia de detalhes (substantivos), dos quais os alunos vivem em seu cotidiano, quando também o professor poderia fazer uso desta ideia, para que os alunos escrevam, o que tem veem/têm suas casas, em suas ruas e/ou até mesmo o que eles veem durante o percurso casa/escola. Na segunda atividade, que tem como título *como formamos substantivos*, e que foi previamente trabalhada pelo professor, são trabalhadas as formas dos substantivos, principalmente, os substantivos primitivos e derivados.

Na segunda parte, a seção apresenta quatro atividades: a segunda atividade se inicia com um conjunto de substantivos para que o aluno possa fazer a seleção dos substantivos que

são formados por *uma palavra* e *com duas ou mais palavras*. Note-se que as palavras não são de um contexto desconhecido dos alunos, pois, os substantivos apresentados fazem parte do texto da abertura da unidade, que é a canção *criança, crionça*. Na canção, há uma lista de animais (ver figura 2). Em outro texto na mesma unidade, tentando trabalhar ainda a ideia de que o substantivo dá nome às coisas e aos animais, apresenta-se outro gênero textual, “*notícia*” sobre *uma onça, filhote*, é uma notícia de revista que informa de quais animais uma onça adulta pode se alimentar.

Figura 2. Ilustração do texto *Criança, Crionça* no livro *Ápis: Língua Portuguesa*



Leitura: letra de canção

Criança, crionça
Augusto de Campos e Cid Campos

A onça era sonsa	Criança, crionça
Sonsa de nascença	Crionça, crionça
Chegava de manso	
Para encher a pança	Dançando essa dança
Sem pedir licença	A onça desonça
	Despança
Jabuti, teiú	Dispensa
Tucano, tatu	Sua comilança
Macaco, sagui	E hoje só pensa
Preguiça, preá	Em dançar a dança
Cutia, quati	
Não tinham descanso	Criança, crionça
	Crionça, crionça
Mas uma criança	
Chamou a resposta	
Criou uma dança	
A dança da onça	

Fonte: (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2017, p. 09)

Dessa forma, as autoras conseguem fazer uma conexão do que foi estudado na seção *Leitura* e a seção *Língua: usos e reflexão*, mantendo uma coerência, permitindo que o professor faça um trabalho mais coerente no ensino desse tema. O livro traz ainda uma atividade de interpretação de texto baseada na formação dos substantivos: na página 21, na questão de número sete, depois de trabalhar as formas diferentes e os significados das modificações das palavras, é feita uma explicação sobre as palavras – **coberto**, **fazer/descoberto**, **desfazer** -. Depois dessa explicação, é pedido ao aluno que explique o significado dessas novas palavras, o mesmo é feito com duas palavras do texto – **desonça** e **despança** -, também de acordo com texto dever ser explicado o que essas palavras querem dizer no texto,

seguindo a mesma ideia da questão sete, a de número oito, pede-se o mesmo, que o aluno explique como se formou a palavras crionça e qual seu significado. Essas atividades, no entanto, requerem a participação do professor para indagar os alunos sobre essas modificações e o que elas podem acarretar no significado das palavras.

Antes de iniciar o estudo dos substantivos coletivos, é apresentada uma introdução ao assunto, acompanhado de imagens e frases para comparação e compreensão. A primeira questão é exemplificada com palavras fácies e do cotidiano dos alunos. A atividade busca apresentar às crianças a diferença entre uma unidade e várias unidades, tentando introduzir a ideia do plural das palavras e coletivo dos substantivos. As autoras instigam o leitor com exemplos de palavras no singular e plural e os substantivos coletivos: uma estrela/ constelação/ estrela(s). As autoras apresentam, no final da seção, um resumo de tudo que foi estudado na seção.

Quando passamos para terceira unidade do livro, observamos uma mudança na forma de se trabalhar o substantivo, onde se tem como tema da seção *Linguagem informal na escrita; Palavras que acompanham o substantivo: adjetivo e artigos; Gênero e número: concordância com o substantivo; Aumentativo e diminutivo*, uma continuação da seção anterior. Esta é outra parte do livro que irá trabalhar o substantivo na *linguagem informal* da língua. A unidade é iniciada com um gênero textual *blog*, seguindo o mesmo esquema da primeira seção fazendo uso dos textos nas atividades do estudo da língua, contextualizando o assunto estudado. As atividades são divididas de acordo com os subtemas da seção, esse apresenta cinco atividades. Na primeira atividade, as autoras trabalham a *linguagem informal* da língua, em duas questões, e que é pedido ao aluno que copie no caderno. O interessante é que as autoras tentam trabalhar a formalidade e a informalidade como estilos da língua, buscando, com isso, o trabalho com a variação linguística, o que é um ponto positivo do livro, muito embora, não seja uma novidade em livros dessa espécie.

Seguindo, as autoras trabalham os acompanhantes do substantivo (adjetivo e artigo). Fazem uma pequena introdução ao assunto, logo depois uma atividade, no entanto, nesse capítulo, as autoras apresentam atividades feitas de forma mecânica, como se fosse uma cópia, algo incoerente, principalmente, quando as autoras buscam trabalhar a variação linguística e o estilo de usos da língua.

Para finalizar é feita uma revisão do estudo com uma atividade, de sete questões, na qual o aluno é apenas instruído a fazer respostas rápidas e prontas, presentes ao decorrer da seção, nos exemplos para se reproduzir nas atividades, que pouco sentido ira fazer para os alunos. Esse tipo de atividade, comenta Antunes (2003), é fruto de,

- Uma gramática descontextualizada amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito mais “sobre a língua”, desvinculada, portanto, dos usos reais escrita ou falada na comunidade do dia a dia;
- Uma gramática fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isolada, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função; frases feitas para servir de ligação, para virar exercício;
- Uma gramática da irrelevância, com primazia em questões sem importância comunicativa (...);
- Uma gramática voltada para a nomenclatura e a classificação das unidades; portanto uma gramática dos “nomes” das unidades, das classes e subclasses (...) (ANTUNES, 2003, p. 31).

Muito embora as autoras tentem, em alguns pontos da unidade investigada, trabalhar com texto, contextualizando os exemplos e trabalhando os conceitos, não foge das atividades tradicionais, provavelmente, influenciada por um modelo de livro didático que está mais próximo de uma gramática normativa do que de um livro que leve a reflexão sobre a língua e seu uso.

O LD2, por seu turno, inicia o estudo do substantivo na quarta unidade, com a apresentação de um texto sobre a anedota, em seguida, tem a *interpretação do texto*, e um *novo texto*, já para trabalhar. Não se percebe, nessa unidade, alguma conexão com os textos trabalhados durante toda unidade, não se percebe uma ligação entre o que a unidade apresentou antes. Nas questões da atividade, há apenas palavras soltas, desconexas, seguindo um modelo mais voltado para o tradicional. No entanto, é preciso notar que o livro trata do uso de variações linguística, na subseção *estudo do texto*. Nesse sentido, as autoras preocuparam-se em discutir a importância de saber o que é a atual norma padrão do português do Brasil, que se diferencia da gramática,

Por outro lado, é também indispensável distinguir a norma culta falada da norma culta escrita. Isso porque há fenômenos que ocorrem na fala culta (pela sua grande proximidade com a linguagem urbana comum), mas não ocorrem na escrita culta ou chegam mesmo a ser criticados quando nela aparecem. Em alguns casos, somos ainda uma sociedade que, em situações altamente monitoradas, usa uma variedade na fala e outra na escrita (FARACO, 2008, p. 52).

Na contramão das discussões sobre as atividades de sala de aula, o livro traz uma atividade que é completamente condenável quando se pensa em um ensino de língua portuguesa pautado no uso e que respeite os diferentes estilos comunicacionais: é pedido que se faça transformações, do estilo formal para o informal. Esse tipo de atividade, ainda de acordo com Bagno (2013) serve apenas para reforçar que uma linguagem é melhor do que a

outra, além de basear o desrespeito à variação linguística. No início da seção, o livro traz uma definição técnica do que é um substantivo. Trabalha os substantivos primitivos e derivados, tendo continuidade na segunda unidade, com uma tabela comparativa de substantivos derivados dos primitivos, não havendo nenhuma forma, nem com exemplos, de relação com o texto anedota, estudado anteriormente. O texto, a despeito de não estar solto no livro, serviu apenas para trabalhar o tema da variação linguística. Cumpre lembrar que um dos requisitos para a aprovação de um livro didático no Programa Nacional do Livro Didático, é preciso que o livro tenha uma seção ou um capítulo dedicado ao tema da variação linguística. Presumimos que essa seja a razão da existência dessa seção para debater essa temática, tendo em vista que ela não é retomada e nem discutida no livro.

Observa-se uma ausência muito grande de explicações e de definições sobre o tema, provavelmente, porque o livro conte com a participação ativa do professor. De qualquer maneira, é necessário que o livro didático seja de uma linguagem simples e bem explicada, de modo que o aluno possa conseguir responder às atividades sozinho. Nas páginas seguintes, são trabalhados temas sobre a morfologia dos substantivos, como a derivação dos substantivos. O livro aproveita para trabalhar também a ortografia das palavras.

Não pretendemos, com essa breve análise de alguns pontos do livro analisado, fazer uma descrição pormenorizada, mas sim, apenas apresentar, de um modo geral, como o ensino de língua tem se materializado nos livros didáticos distribuídos nas escolas do País. Como observamos ao longo dessa apresentação, que muitas atividades, se reproduzidas em sala de aula, podem trazer bons resultados e reflexões aos alunos, rompendo com um modelo tradicional de ensino. Por outro lado, no entanto, é possível ver também modelos reproduzidos de atividades mais voltadas para a resolução de problemas da sala de aula do que de problemas do cotidiano dos alunos, muito mais exercícios que buscam formas do certo e o errado do que exatamente provocar a reflexão e o uso adequado da língua nos diferentes contextos fora da sala de aula. Ambos os livros analisados têm pontos positivos e pontos negativos, bastando apenas que o professor saiba utilizar esses pontos a favor do desenvolvimento de uma habilidade comunicativa dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de análise do livro didático de português precisa ser maior incentivado entre os educadores brasileiros, tendo em vista que o trabalho de análise desse material serve para a reflexão de seus recursos didáticos, além de levar a ideias de como ele pode servir para o desenvolvimento da leitura e da escrita desses alunos. Como já apontado, o LD1 mostra-se

bem elaborado, pois traz reflexões que podem levar o aluno a compreender a organização e o uso da língua sem precisar saber das nomenclaturas gramaticais. No entanto, na seção estudo da língua, há atividades que não deixam de seguir o padrão utilizado nos livros didáticos, apresentando respostas mecânicas para atividades que deviam levar à reflexão da língua. Quanto ao LD2, nos deparamos com a parte de *estudo da língua*, com apenas cinco páginas que trabalhavam o substantivo. Em termos estatísticos, esse é a metade das páginas da primeira unidade do LD1, muito embora, quantidade não queira dizer qualidade, esse é um sinal da sintetização que não é adequada à série que ele se destina. De qualquer modo, cumpre notar que, em ambos os livros, há palavras descontextualizadas, no LD2, percebe-se que não foram utilizados os textos nas atividades, deixando o estudo do substantivo desconexo da unidade, do contrário o que faz o LD1, em que se percebe que o texto principal da unidade tem uma conexão com a seção estudo língua.

. Por fim, cumpre dá destaque ao papel do professor nessa discussão. O livro didático, em nenhum momento, deve tomar o lugar do professor, mas sim, ser um instrumento para ele, ajudando e dando maior possibilidade para levar o aluno ao conhecimento e a reflexão própria. Como é constatado, na pesquisa de Ferreira, Rodrigues e Serra (2017), em que os professores do ensino de língua portuguesa, já adotam uma metodologia diferenciada em sala de aula, se utilizando tanto do livro didático como também de outros recursos paradidáticos. Uma sala de aula em que o professor é substituído pelo livro didático fatalmente não conseguirá atingir a meta de fazer com que os alunos sejam hábeis comunicadores nas diferentes esferas nas quais ele atue em sua vida fora dos muros da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BORGATTO, A. M. T.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. C. **Ápis: Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática. 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARPANEDA, I. P. M.; BRAGANÇA, A. D. **Porta Aberta: Língua Portuguesa**. São Paulo: editora FTD. 2017.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERREIRA, R. N. S.; RODRIGUES, J. K. B.; SERRA, L. H. O percurso histórico da prática do ensino de língua portuguesa: memórias de professores de Codó-Ma. In: X ENCONTRO MARANHENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 10, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, **Anais...** São Luís: UFMA, 2017. p. 1-13.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Texto e discurso: desafios no ensino de Português. Uberlândia/MG: **Letras & Letras**. v. 29, n. 2, p. 1-19, 2013.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: **O texto na sala de aula**. GERALDI, João Wanderley organizador; ALMEIDA, Milton J. et al. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 23-49.